



## TESSITURAS, PROCESSOS E AÇÕES: O PERCURSO DE MINHA FORMAÇÃO CONTINUADA COMO PROFESSORA E PEDAGOGA

Ely Lima Da Cruz<sup>1</sup>  
Samara Oliveira de Magalhães<sup>2</sup>

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Sou Ely Lima da Cruz, nasci no dia 07 de fevereiro de 1973, no município de Juruti. Sou filha de Lair da Silva Lima, não conheci meu pai biológico, ele faleceu quando eu ainda era bebê, infelizmente. Tenho 03 irmãos por parte de mãe, dediquei muito amor e zelo pelo crescimento deles, nossa infância foi feliz, repleta de brincadeiras antigas, como manja pega, cabra cega, macaca, pião e brincadeiras com elástico. Aos 05 anos de idade, minha família mudou-se para a cidade de Parintins, em busca de oportunidade de emprego.

Por viver em uma cidade em que a cultura do Boi Bumbá era muito difundida, aprendi a gostar de ouvir as toadas<sup>3</sup> dos Bois Garantido e Caprichoso, mas meu coração foi fisgado pelo Boi Vermelho, o Garantido. Gostava de ouvir o programa na Rádio Alvorada de Parintins, apresentado pelo saudoso “Paulinho Faria<sup>4</sup>”, em que ele

---

<sup>1</sup> Pedagoga e Professora da Escola CMEI Argentina Barros. Aluna do Curso de especialização em Gestão de Projetos e Formação Docente, ofertado pela Universidade do Estado do Amazonas em parceria com a Secretaria Municipal de Manaus. E-mail: ely.lima@semed.manaus.am.gov.br.

<sup>2</sup> Professora Doutora da Secretaria Municipal de Educação de Manaus, formadora do projeto Oficinas de Formação em Serviço da Secretaria Municipal de Manaus e da Especialização em Gestão de Projetos e Formação Docente, orientadora deste trabalho. E-mail: samara.carneiro@semed.manaus.am.gov.br.

<sup>3</sup> Toada é a música do boi-bumbá. Para cada festival, há um novo CD com cerca de 15 toadas para cada boi. São composições produzidas especialmente para a apresentação anual.

<sup>4</sup> Paulo de Albuquerque Faria teve a vida dedicada ao Garantido. Apresentador do Bumbá desde os 15 anos de idade, ele permaneceu no posto por 26 longos anos. Era conhecido como ‘Garotinho de Ouro’.



animava a “galera<sup>5</sup>”. Eu também não perdia os ensaios no Curral da Baixa do São José. Foram momentos que marcaram minha adolescência.

Após concluir o Ensino Médio em Magistério, mudei-me para Manaus, sonhava em trabalhar como professora para poder ajudar minha mãe a criar meus irmãos que ficaram em Parintins. Estou nessa cidade há trinta anos, casei com o professor Laurimar Pereira da Cruz, tivemos dois filhos maravilhosos, que são os maiores presentes que Deus nos concedeu e, profissionalmente, tive a oportunidade de fazer graduação em Pedagogia, especialização em Educação Infantil e em Psicopedagogia.

Atualmente, como servidora pública da Secretaria Municipal de Educação de Manaus - SEMED, estou lotada no Centro Municipal de Educação Infantil - CMEI Argentina Barros, localizado na Zona Norte de Manaus. No turno matutino, sou pedagoga há doze anos e no turno vespertino, exerço a função de professora de uma turma do 2º período. O meu tempo de serviço na SEMED é de vinte e três anos e acredito que para continuar realizando um trabalho de qualidade é importante buscar qualificação continuamente.

Recentemente, surgiu a possibilidade de a equipe escolar participar do processo seletivo do Projeto Oficina de Formação em Serviço - OFS, os requisitos foram preenchidos e a formação continuada em serviço chegou à escola por meio do curso de Especialização em Gestão de Projetos e Formação Docente, oferecido pela SEMED e pela Universidade do Estado do Amazonas - UEA.

Escrever este memorial, como conclusão deste processo, permitiu rememorar e ressignificar situações que me fizeram decidir pela docência; experiências como professora e pedagoga no chão da escola; os diferentes percursos vivenciados na formação continuada de professores; os momentos mais significativos desta

---

<sup>5</sup> Galera - torcida, item de grande importância pois conta pontos nas apresentações, seu ritmo e sincronia são responsáveis por animar o festival.



especialização em serviço; assim como, tecer considerações sobre as experiências e aprendizagens que colaboraram para meu crescimento pessoal e profissional.

### **CAMINHOS DA DOCÊNCIA**

A oportunidade de escrever sobre meu percurso docente, a origem da minha vida profissional, me fizeram reviver emoções que se iniciaram na infância, eu sempre quis ser professora, queria ser igual à filha da minha madrinha, que era uma excelente professora. Gostava de imitá-la, brincando de ser a professora dos meus primos na cozinha de casa.

É emocionante lembrar de alguns docentes que marcaram a minha vida, que ficaram guardados na memória e no coração com seus exemplos; de outros nem gosto de lembrar. Vale ressaltar que os bons exemplos que guardo são de minha primeira professora de Alfabetização, dona Migracilda. Era tão cuidadosa conosco, nos incentivava a falar de nossas vivências familiares, gostava de dançar, e me ensinou a dança folclórica “Dança do Paneiro”.

Com ela também aprendi a ler e a escrever meu nome na “Cartilha Caminho Suave”, um método de alfabetização tradicional. Foi fantástico entrar no mundo letrado, uma experiência que jamais esquecerei: a partir desse período passei a ter o desejo de querer ser “alguém” na vida, ter livros, pois as histórias me transportam para um mundo que nunca ouvi falar. Guardo a lembrança de quanto me sentia envaidecida, quando a professora Migracilda me pedia para ser sua ajudante. Eu ia para lousa ajudar a copiar as atividades para os meus colegas, me sentia a própria professora.

Outra recordação, que até hoje me emociona, é de quando minha avó dona Raimunda da Silva Freitas, contava que apesar de nunca ter ido à escola conseguiu aprender a ler com seus padrinhos, apenas prestando atenção nas histórias bíblicas que eles contavam e nos traçados das letras que fazia no papel de embrulho. Eu queria muito aprender a ler para dar orgulho à minha avó, que eu chamava de mãe.



Revisitando meu percurso de estudante de magistério, lembro que usava uma farda com saia azul marinho, toda pregueada, blusa de tecido tergal na cor branca, sapato fechado preto e meias brancas. A saia tinha que ser do comprimento do joelho, se não fosse nesse padrão éramos chamadas a atenção e tínhamos que mandar baixar a barra. Mas posso falar que foram bons tempos, fiz muitas amizades, fiz muitas descobertas, vivenciei situações em que queria usar adereços no cabelo, fazer penteado que não era permitido, e isso me trouxe alguns aborrecimentos que me levaram a refletir sobre o cumprimento das regras, especialmente se essas normas estão claras. Na época era fundamental para que a escola funcionasse de acordo com sua filosofia.

Cursei magistério no Colégio Batista de Parintins. Foi meu primeiro contato com uma escola de filosofia cristã tradicional. Aprendi a ter uma rotina organizada, tive contato com professores com metodologia tradicional e outros mais modernos, que nos incentivavam a falar, dar nossa opinião em suas aulas. Era algo novo aprender as teorias que iriam direcionar nossa futura profissão de professores.

Na época do estágio, atuei em uma sala de crianças do Ensino Fundamental, com a professora Ariadene, que ministrava suas aulas com alegria, tinha domínio do conteúdo, das crianças, possuía diferentes habilidades, especialmente em confeccionar materiais para as aulas. Eu achava isso fantástico! Eu já queria ser professora, mas essa experiência maravilhosa me incentiva ainda hoje, a ser uma professora competente e cativante, capaz de proporcionar boas lembranças à memória dos estudantes.

Ao concluir o ensino médio, vim morar na cidade de Manaus em busca de melhores oportunidades, no interior o emprego era escasso e havia pouca perspectiva. Tive a felicidade de conseguir trabalho em uma escola particular. Fiz muitos cursos, adquiri mais experiência, a jornada de trabalho era desgastante, mas aprendia diariamente a lidar com as diversas situações. Passei por momentos



angustiantes, pois me deram uma turma de 4<sup>a</sup> série e os alunos eram bem ativos, ainda não tinha experiência suficiente e domínio de algumas metodologias, mas pude contar com o auxílio das colegas mais experientes e venci essa etapa.

Após um ano e meio trabalhando nessa escola, surgiu a oportunidade de ser contratada como professora em regime especial na SEMED. Fui lotada no turno da noite, em uma escola que atendia o Programa de Educação Básica - PEB, no Bairro do Mutirão, uma outra experiência desafiadora, era uma classe multisseriada que atendia jovens, adultos e idosos não alfabetizados. Eles tinham dificuldade para aprender a ler e escrever, enfrentavam uma jornada de trabalho intensa, alguns eram arrimo de família, chegavam cansados e desmotivados. Assim, o nosso desafio era bem maior, precisei fazer formação específica para trabalhar com o PEB, aprendi a usar metodologias mais atrativas e flexíveis para poder contemplar as necessidades e as múltiplas responsabilidades profissionais e familiares desses estudantes. Atuei com esse programa até o ano de 2005, quando passei no concurso da SEMED para professora, e desde então, atuo com a Educação Infantil.

Nesse novo contexto de trabalho, vivenciei diversas mudanças na forma de ensinar as crianças da Educação Infantil, lembro que minha sala de referência era grande, espaçosa, cabiam muitas crianças. O documento orientador era o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil - RCNEI, organizado por eixos como, identidade e autonomia, conhecimento de mundo, natureza, sociedade, linguagem oral e escrita, música, matemática e artes visuais.

O planejamento seguia esse documento, estabelecendo o que as crianças deveriam aprender, era bem prático e facilitava o trabalho. Todavia, como vivemos em constante mudança, estudos mostraram que precisávamos avançar, que a criança precisa ser colocada como protagonista, como centro do planejamento. Então, foi criado outro documento norteador, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil - DCNEI (2010, p. 12), afirmando que:



A criança é um sujeito histórico e de direitos que nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.

O novo documento garantiu a subjetividade da criança como sujeito histórico e seu direito de aprender na interação com o outro, reconhecendo suas capacidades e talentos, que devem ser estimulados por meio de experiências. Acompanhar e compreender as mudanças ocorridas nos documentos norteadores me proporcionou uma melhor eficiência no trabalho com as crianças e a convicção de que tinha escolhido a profissão certa.

Meu ingresso no curso de Pedagogia foi por convicção da profissão que havia escolhido e também pela necessidade de me qualificar, pois a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96, Art.62, estabelece que a formação docente para atuar na Educação Básica deveria passar a ser em nível superior, por meio dos cursos de licenciatura. O curso de Pedagogia trouxe oportunidades, tive acesso a um novo mundo, me encantei com tantas informações, conhecimentos, fiquei fascinada ao conhecer a biblioteca, pois desde minha adolescência apreciava as leituras de contos infantis, revistas, cartas, entre outros portadores de texto.

Lembro também, que no período da graduação comecei a gostar da arte de dramatizar, uma das colegas era uma verdadeira artista e nos incentivava a criar e a apresentar nossos trabalhos por meio da dramatização. Foi um período de muitas vivências e desafios, mais uma etapa fundamental na minha base formativa, o curso de Pedagogia proporcionou mudanças significativas na minha vida e no meu fazer pedagógico.



## A SALA DE AULA COMO TERRITÓRIO DOCENTE

Pensando em minha trajetória como profissional do magistério e no meu fazer como pedagoga e professora, destaco que desde o princípio me dedico ao esforço de colocar em prática, o conhecimento teórico adquirido, aliado à experiência trocada com meus pares e às vivências e saberes que venho adquirindo ao longo do tempo. O contato com as crianças da Educação Infantil me traz satisfação, ao mesmo tempo que ensino, aprendo com elas, o que me proporciona realização pessoal, profissional e bem-estar em compartilhar experiências e despertar o aprendizado delas de forma sistematizada, lúdica, afetiva e respeitosa.

Quando iniciei a carreira como professora, almejava ter acesso a bons livros, materiais pedagógicos, famílias sendo parceiras na educação de seus filhos, que as crianças realmente tivessem seu direito de aprender e sua faixa etária respeitados, usufruindo de escolas com infraestrutura adequada e um ensino de boa qualidade para todos e todas.

No entanto, a realidade foi diferente, enfrentei desafios para exercer a função docente, houve tempo em que trabalhei sem estrutura física adequada na escola, poucos materiais pedagógicos, falta de compreensão ou desvalorização de algumas famílias quanto a importância da Educação Infantil na formação inicial das criança, e às vezes, a falta de aporte teórico e metodológico na condução e orientação do trabalho com os professores, mas com persistência, informação e formação continuada venho conseguindo superar as adversidades.

Ainda consigo sonhar com melhores condições de trabalho, com a valorização da categoria e um plano de carreira digno para os profissionais da Educação, e que, a Educação Infantil seja compreendida em sua essência. Entretanto, hoje tenho convicção de que esses sonhos se tornarão realidade quando houver pressão de uma sociedade educada e esclarecida, que exija dos governantes o cumprimento dos direitos já constituídos.



As escolas por onde passei, se tornaram territórios férteis de aprendizagens, nelas pude aprender e deixar minha contribuição. Recordo quando assumi uma turma de segundo período, num CMEI localizado no bairro Campo Dourado. Com aquela turma, precisei me esforçar bastante, não conseguia estabelecer vínculo de confiança e troca com os familiares/responsáveis das crianças. Eram programadas reuniões para dialogarmos, mas a participação deixava sempre a desejar.

Percebia que as crianças, filhas dos pais mais ausentes, apresentavam conduta inadequada, não apreciavam os momentos de leitura das histórias infantis, apresentavam dificuldades em cumprir as regras de convivência. A falta de compreensão por parte de seus responsáveis sobre a importância das atividades desenvolvidas por sua criança, no ambiente escolar, gerava a desvalorização das práticas educacionais, bem como dos profissionais envolvidos nesse contexto.

A respeito da responsabilidade da família e dos demais segmentos da sociedade (Faria, 2012, p. 43), argumenta:

[...] Contudo, fica evidente que a responsabilidade pela formação das crianças em sua integralidade-para que elas sejam cidadãs participativas, atuantes, conscientes de seus deveres e direitos-é dever de todos os envolvidos no processo educativo, ou seja, da família, da comunidade, do Estado e das Instituições de Educação Infantil.

A partir desses fatores, procurei junto com a coordenadora pedagógica da escola desenvolver um projeto voltado à leitura, no qual pudéssemos envolver as famílias. Assim, surgiu o projeto: “O Livro que Anda”. No primeiro momento, explorei a contação das histórias na própria sala de referência. Organizei cronograma com as datas em que “O livro que anda” iria para casa com as crianças. Depois combinamos com os estudantes que haveria sorteio toda segunda e terça-feira entre eles, para ver quem seriam os contemplados da semana para levar a pasta com as histórias para sua residência.



As DCNEI (2010, p .25) orientam que as escolas garantam experiências que possibilitem às crianças experiências de narrativa, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e o convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos.

Dessa forma, procurei explorar a experiência do projeto de leitura, que contempla aspectos essenciais para que as crianças se desenvolvam e tenham maior intimidade com o Campo de Experiências Escuta, Fala, Pensamento e Imaginação.

O projeto foi aceito pelas crianças e seus familiares; lembro quão significativo foi, para mim, ver as mudanças acontecendo: as crianças ficavam ansiosas para ver quem iria levar os livros, e no dia combinado acontecia a socialização, em que cada criança mostrava o registro feito em casa e recontava a história com suas próprias palavras.

Para potencializar ainda mais as atividades do referido projeto, fizemos uma culminância. Convidamos as famílias e a maioria compareceu, contribuindo com suas experiências, suas histórias. Algumas mães explicitaram que nunca tinham tido oportunidades de ter contato com livros infantis, que na atual fase da vida delas, a única leitura que realizavam era a das contas que chegavam para pagar.

Eu sempre gostei de ministrar aulas para as crianças, mas também tinha vontade de trabalhar na coordenação pedagógica, queria ter outras experiências. Eu conseguia ter domínio de alguns conteúdos e compartilhava com meus pares no momento do planejamento, gostava de organizar festinhas, os eventos escolares, dialogar com as famílias e assim, em 2006, fui convidada a trabalhar, no outro turno, como coordenadora pedagógica, na escola particular em que já era professora.

Esse fazer, como coordenadora pedagógica, foi vivenciado e aprendido na prática. É complexa uma profissão que requer habilidades e preparo, trabalha diretamente com os processos educativos, viabiliza o trabalho com docentes, familiares, estudantes e gestão da escola, e em conformidade com Almeida; Placco



(2009, p. 9), esse profissional “é o elemento mediador entre currículo e professores, além disso, no modo particular de ver, é aquele que poderá auxiliar o professor a fazer as devidas articulações curriculares”. O pedagogo (a) lida com os desafios enfrentados diariamente para garantir que a equipe escolar se mantenha coesa e para que os direitos e os objetivos de aprendizagem possam ser alcançados.

Fisgada por esse novo fazer, fiz outro concurso e tive aprovação como pedagoga na SEMED, com a permissão de Deus. Após essa aprovação, em 2011 fui chamada para trabalhar em uma escola que atendia educação infantil e ensino fundamental. Adquiri novos conhecimentos e saberes, mas não me senti disposta naquele momento para continuar o trabalho com as duas modalidades ao mesmo tempo. Assim, pedi remoção e passei a trabalhar no CMEI Argentina Barros.

Minha atuação como pedagoga na Educação Infantil, nesta instituição, apontou para novos horizontes e perspectivas. A organização do trabalho pedagógico, a formação dos docentes, o planejamento, o olhar sobre os espaços, os materiais, os tempos, a diversidade de famílias, a inclusão, foram pontos necessários e urgentes para que eu pudesse conduzir o trabalho.

Como desafio pedagógico principal, no cotidiano dessa escola, posso citar a problemática relacionada às famílias, pois algumas são permissivas e com isso as crianças ainda não conseguem interagir de forma respeitosa com seus colegas. Alguns docentes também causam preocupações, principalmente quando não conseguem perceber que a formação continuada é de extrema importância, é um pré-requisito básico para a melhoria das aprendizagens.

Com esse atual cenário, como pedagoga e professora, me senti mais uma vez desafiada a buscar estratégias para lidar com as novas situações, foi quando minha amiga Joelma Maricaua, também pedagoga, comentou sobre sua experiência com a formação continuada em serviço OFS, que era realizada na própria escola, no horário de trabalho, e sobre as contribuições trazidas para a comunidade escolar. Fiquei



curiosa, conversei com a diretora, com toda a equipe e fomos em busca de como poderíamos inscrever a escola no processo seletivo.

### **TRAJETÓRIAS NA FORMAÇÃO CONTINUADA**

Ao refletir sobre os fatos vivenciados ao longo de minha vida profissional, percebi uma história que vem sendo constituída, passando por mudanças que me ensinam algo diferente, a cada dia, colaborando para que eu possa continuar oferecendo o melhor de mim e do meu trabalho, encarando os desafios e as conquistas com o sentimento de gratidão.

Mais um fio dessa trama formativa é outra professora inesquecível, Kelly Christiane, que conheci no curso de Graduação, ministrando a disciplina Avaliação Educacional. Dona de uma voz marcante, ela ensinava com alegria, conseguia prender a atenção dos alunos por dominar o conteúdo, sempre dando exemplos de quais desafios poderíamos enfrentar. Com ela conheci as diferentes concepções de avaliação, até hoje lembro da atividade em que tínhamos que “julgar os tipos de avaliação”, aprendi muito, conheci a obra de teóricos como Jussara Hoffman, Libâneo, Luckesi, Vasconcellos, que se tornaram referência para minha prática.

Quando fiz meu primeiro curso de Pós-Graduação em Psicopedagogia, na Faculdade Dom Bosco, novamente reencontrei a professora Kelly, ministrando a disciplina Diagnóstico e Avaliação Psicopedagógica. Contribuiu sobremaneira para minha formação, indicou meios para atender às novas exigências do mercado de trabalho, foi maravilhoso reencontrá-la, eu já estava mais madura e as temáticas abordadas fortaleceram meu trabalho com as crianças do 1º Ano, na fase de alfabetização.

No decorrer de minhas vivências como coordenadora pedagógica e professora, senti que precisava acompanhar as mudanças que ocorrem na sociedade, na vida das crianças, na de suas famílias e na dos docentes, pois todos estamos em constante



transformação. Decidi continuar investindo em formação continuada para ampliar minha capacidade de inovar e exercer minhas funções e atribuições com mais segurança e autonomia, concordando com (Rodrigues, 2006, p. 20), quando afirma que

(...) a formação continuada é um conjunto de atividades “realizadas de forma sistemática ao longo da vida e articuladas com as situações de trabalho, que visam não só dotar ao professor de conhecimentos, capacidades, atitudes e valores adequados ao exercício das tarefas profissionais em ordem a melhoria da qualidade da educação”, mas também possibilitar a partilha de experiências que potenciem a sua autonomia profissional.

Compreendi, então, que o processo de formação fará parte de toda minha caminhada profissional, aperfeiçoando meu fazer, me proporcionando segurança e autonomia nas decisões que envolvem o ensino e a aprendizagem, na orientação com os professores e estudantes. Acredito que investir na minha formação continuada e participar das formações oferecidas pela SEMED deve ser uma prioridade.

E no que diz respeito às formações da SEMED, participei dos diferentes formatos propostos ao longo do tempo que sou servidora. Os grandes seminários oferecidos traziam teóricos renomados de diferentes áreas, acredito que eram bons, mas os gastos eram dispendiosos para trazer especialistas de fora do Estado. Com isso, de certa forma, deixava-se de valorizar estudiosos da própria cidade. Com o tempo, houve mudanças nessa prática e passamos a ter a formação em polo, hoje nomeada rede colaborativa, proporcionando significativas aprendizagens, por abordarem temas pertinentes aos processos educativos.

Um outro formato, foi a formação do Programa de Ensino Sistematizado das Ciências - PESC, que tinha uma metodologia ativa, possuía material rico e lúdico, as crianças eram incentivadas a fazer ciência, participavam de diversas práticas sociais, inclusive a que eu mais gostava, era quando acontecia o lançamento das temáticas para as produções de livros por professoras e crianças; ficávamos aguardando o lançamento das obras para conferir o nome delas, que vibravam com esse evento.



Acredito que as formações acrescentaram aprendizados, contribuíram para minha atuação cotidiana e identidade docente. Enfim, os vários formatos, programas e projetos que tive oportunidade de vivenciar, deixaram uma semente que ano após ano, foram regadas e fazem minha trajetória formativa florescer.

Assim, continuo valorizando e aproveitando cada oportunidade que a SEMED proporciona e sigo investindo em minha formação como professora e pedagoga. Fiz o curso de Pós-Graduação em Gestão de Projetos e Formação Docente, uma formação em serviço, realizada pela parceria da secretaria com a UEA. A equipe escolar decidiu participar para termos acesso a novas experiências formativas que melhorassem nossa qualificação profissional e, conseqüentemente, o nível de aprendizagem das crianças, pois assim como Nóvoa (2017, p. 23), concordo que:

A formação dos professores deve criar condições para uma renovação, recomposição, do trabalho pedagógico, nos planos individual e coletivo. Para isso é necessário que os professores realizem estudos de análise das realidades escolares e do trabalho docente.

Entendi que a formação continuada precisa ter foco no cotidiano escolar para possibilitar o movimento de ação, reflexão, ação, constituída como base das mudanças necessárias à escola. Compreendendo, o cotidiano a partir do pensamento de Certeau (1994.p.31), como aquilo que nos acontece “Todo dia pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo”. Refletir o cotidiano escolar, minhas práticas e responsabilidades abriu novas dimensões, passei a compreender o que é ser professora e pedagoga na minha escola, a enxergar os reais desafios que enfrentamos, assim como as possibilidades que temos para enfrentá-los.

Foi uma forma inovadora de estudar, envolveu professores da UEA, formadores da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério - DDPM e os Assistentes à Docência - ADS, acadêmicos das diferentes licenciaturas. Essa equipe se deslocava para nossa escola, onde tudo acontecia em nosso horário de trabalho, o curso iniciou



com uma primeira etapa de pesquisa sobre a escola e depois pelos módulos epistemológico, metodológico e experiencial.

### **PROJETO OFICINAS DE FORMAÇÃO EM SERVIÇOS/PÓS-GRADUAÇÃO EM SERVIÇO**

Participar do Projeto Oficinas de Formação em Serviço/Pós-Graduação em Serviço, me despertou expectativas e sentimentos, lembro que ainda estávamos passando pela fase crítica da Pandemia da COVID-19, foram dias terríveis, perdemos pessoas conhecidas e próximas de nosso convívio familiar e profissional, estávamos adoecidos emocionalmente e sem saber ao certo como refazer nossas vidas.

Com todos esses sentimentos, continuei a viver com a sensação de medo constante, pensando quem seria o próximo a se contaminar com o vírus ou a perder algum ente querido; convivíamos com as notícias de crise hospitalar, financeira, de cemitérios superlotados, com a tragédia da falta de oxigênio acontecendo em nossa cidade e outras no mundo inteiro.

Por tudo isso, a realização da formação em serviço teve que ser adiada por mais um tempo. E quando a situação da pandemia amenizou, as autoridades orientaram para o retorno ao trabalho, em home office. Foi o período que mais trabalhei sob pressão, tendo que apresentar “evidências” do trabalho que desenvolvíamos com a equipe docente, com as famílias e crianças; período em que eu e os colegas ainda estávamos aprendendo a utilizar as novas ferramentas, as plataformas Google Met. & Zoom.

Todos os dias tinha que postar no drive agenda de trabalho, fotos das atividades, relatórios, frequência diária entre outros. Foram tantas reuniões via *Meet*, *Zoom*, lives formativas, planilhas e demais documentos, aulas gravadas em casa, no nosso celular e através de aplicativos, Kinemaster, In shot, Canva entre outros. E na



etapa seguinte, do retorno ao trabalho, tinha que dar conta das crianças que estavam na aula remota e as que já estavam presencialmente.

Nesse contexto, o formato do curso passou por ajustes e as nossas primeiras conversas com as formadoras aconteceram de forma remota. Vale lembrar que participei como pedagoga e professora, tive uma visão privilegiada dos processos e ações. A formadora pesquisadora Selma Oliveira construiu conosco um diagnóstico completo da escola e conheceu toda equipe pedagógica, a gestora e os servidores administrativos.

Após os diálogos e as entrevistas, iniciaram os encontros remotos para a apresentação do curso Gestão de Projetos e Formação Docente. A professora Selma realizou rodas de conversa para continuar construindo dados com a equipe, e também como forma de tentar minimizar o sentimento de angústia, cansaço, exaustão e preocupação, em virtude de nosso cotidiano desafiador, durante o ensino remoto, como bem expressa Oliveira (2022, p. 42), ressaltando que:

Embora as professoras tenham expressado sentimentos e emoções preocupantes, também falaram de seus êxitos. Disseram que a pandemia lhes proporcionou momentos de aprendizado, de crescimento tecnológico, de solidariedade no trabalho coletivo e colaborativo e de um novo olhar para cada situação vivenciada pelas famílias e pelas crianças.

De fato, aprendemos bastante, vivenciamos a solidariedade e a empatia, mas estávamos exaustos física e emocionalmente. E compreendendo essa realidade, a coordenação do curso, a formadora foi compreensiva, apresentou competências técnica, política e humana, conseguiu criar laços de amizade e confiança com todas as professoras, com a gestora e comigo, e assim o trabalho fluiu com a esperança de propiciar aprendizagens significativas a nós cursistas.

A primeira ação da Especialização com ênfase em Gestão e Organização do Trabalho Pedagógico – GOTP também foi totalmente remota, eu e a diretora recebemos o convite para a apresentação do projeto, que teve como tema, Reflexão do Cotidiano e da Prática Escolar: Os Projetos de Gestão como Práxis Democrática e



Inclusiva no Contexto da COVI-19 em Manaus-Am. O tema já tinha muito a ver com o que precisávamos.

Foi maravilhoso ouvir as palavras de incentivo de nossas formadoras, conhecer os principais objetivos do trabalho a ser desenvolvido com os diretores e pedagogos, dialogar sobre as expectativas que tínhamos quanto ao curso e tirar nossas dúvidas de como seria a metodologia utilizada, como iríamos estudar e nos encontrar durante o trabalho remoto. Foi muito bom conhecer e ouvir os colegas das outras escolas, confesso que saber que eles estavam passando pelas mesmas angústias e desafios, de certa forma, me tranquilizou.

Participar da Especialização me dava esperança de que a vida estava continuando, que o curso me traria novos conhecimentos, metodologias, troca de experiências e saberes que pudessem colaborar com meu fazer, naquele momento inusitado que estávamos passando na escola, na minha vida. Assim fiquei conhecendo as etapas do curso, as professoras Samara e Rosana, despertavam confiança e empatia pela forma como direcionavam as ações. Elas demonstravam estar do nosso lado, se mostraram abertas ao diálogo, se interessavam em conhecer nossa realidade, apresentavam embasamento teórico e prático, ao mesmo tempo, para contribuir com a nossa formação.

Em 2021, ainda de forma remota, tivemos a primeira aula da disciplina Escola, Currículo e o Significado do Trabalho Docente. A professora Selma incentivou a turma incessantemente, depois vieram novas disciplinas com conteúdos inusitados para mim como, Cotidiano, interculturalidade, decolonialidade e outros. Tive acesso aos cadernos teóricos, vídeos, atividades no sistema AVA, tudo na tentativa de nos dar condições para aprofundar os estudos e já podermos pôr em prática nas demandas da nossa realidade escolar.

Uma ação emocionante e que colaborou com as situações que eu estava vivenciando como pedagoga, foi a 1ª Conversa Dirigida com Diretores e Pedagogos.



A formadora Samara usou uma abordagem para conhecer a minha história. De onde eu vim? Quem eu era? Como me constituí pedagoga? Ela queria me ouvir, saber de mim! Meu Deus eu estava tão atribulada, mas foi quando parei para pensar em mim como sujeito, que tem necessidade de ser ouvida, me emocionei falando das minhas origens, da minha história. Passei a ter um carinho todo especial pela minha professora Samara, que demonstrou ser muito generosa em me ouvir naquele momento, ainda eram fortes os efeitos da pandemia nas nossas vidas, me sentia confusa para tomar tantas decisões, mas foi gratificante externar meus medos, sentimentos e sonhos.

Na 2ª Conversa Dirigida da Equipe de Gestão, as formadoras Samara e Rosana vieram ao CMEI, de forma presencial. Naquele momento a diretora da escola precisou fazer uma cirurgia delicada em outra cidade, estava de licença médica. A escola havia recebido, recentemente, uma gestora interina, estávamos saindo do trabalho remoto e voltando a ter aulas semipresenciais na escola, as cobranças da SEMED continuavam intensas, muitas demandas ao mesmo tempo. Eu não queria que nada desse errado, exigia de mim mesma uma postura assertiva, e conseqüentemente, ansiosa e preocupada.

Nesse cenário, recebi as formadoras da GOTP. Tivemos uma roda de conversa que nos fez refletir sobre a diferença entre evidência e julgamento, compreender a importância das evidências e do registro na gestão escolar como estratégia para observar, avaliar e validar nossas práticas como pedagoga e diretora escolar, segundo a concepção de Freire (2008, p. 58), explicitando que:

O registro permite romper a anestesia diante de um cotidiano cego, passivo ou compulsivo, porque obriga pensar. Permite ganhar o distanciamento necessário ao ato de refletir sobre o próprio fazer sinalizando para o estudo e busca de fundamentação teórica.... O registro permite a sistematização de um estudo feito ou de uma situação de aprendizagem vivida. O registro é História, memória individual e coletiva eternizadas na palavra grafada.

Passei a dar mais valor ao fato de ter evidências do trabalho que realizo, mudou totalmente a concepção que eu tinha antes, que era relacionada às evidências



cobradas pela nossa secretaria, no sentido apenas de prestar contas do que foi ou não realizado.

A cada encontro formativo com a equipe de gestão, percebia a utilização de metodologias ativas, trazendo questionamentos acerca do cotidiano escolar, sobre forças e fragilidades que percebíamos em nosso fazer. Na 3ª Conversa Dirigida, realizamos uma dinâmica com quatro perguntas, que direcionaram nossa conversa sobre os temas: Formação Continuada, Interculturalidade e Educação Inclusiva no cotidiano da escola em que eu trabalho. Essa roda de conversa me inquietou, fiquei mais reflexiva, principalmente sobre os direitos da pessoa com deficiência. Precisamos avançar, ter mais atitude de mudança se quisermos modificar esse cenário, ainda caminhamos muito lentamente.

Aqui na escola já recebemos e acolhemos as crianças com ou sem um laudo, com suas diferentes limitações. Sabemos que cada criança precisa de práticas condizentes com sua singularidade e potencialidade, mas sabemos também que são necessárias diferentes parcerias para que a socialização e o desenvolvimento delas aconteçam.

É importante uma avaliação adequada, ter acesso a uma equipe multiprofissional, diagnóstico, tratamento especializado, terapias, mediadores em algumas situações, um conjunto de fatores que somados ao trabalho pedagógico possibilitará o direito do estudante participar e aprender, no ambiente escolar, pois como afirma Carneiro (2015, p.107), “uma escola educacionalmente inclusiva é uma escola que visa ao ensino, à aprendizagem, às realizações, às atitudes e bem-estar de todas as pessoas”. Dessa forma, compreendo que uma escola inclusiva, se constitui com o envolvimento dos diferentes segmentos da sociedade, com a participação de todos e não só da escola e dos profissionais da educação.

Essa temática me inquieta, sou sensível à Educação Inclusiva, entendo que a SEMED deve ser mais atuante nesse sentido, ter mais políticas públicas, programas



e projetos, não apenas para os estudantes, mas também para os seus servidores. Profissionais que quando precisam se deslocar aos locais de reunião, cursos e eventos em geral, passam constrangimento, não existe o mínimo planejamento/preocupação com a acessibilidade deles, especialmente quanto a estacionamentos, elevadores, pessoas preparadas para ajudar, entre outros aspectos. Os servidores com suas diferentes limitações, também precisam sair da invisibilidade.

O respeito às diferenças é urgente, mas essas questões precisam ser tratadas a partir da necessidade de cada sujeito, dos currículos escolares vividos, pois hoje compreendo o currículo como algo vivo, dinâmico, é tudo que acontece no CMEI Argentina Barros, e por isso foi fundamental a construção coletiva e colaborativa do nosso projeto formativo, no decorrer do módulo metodológico do curso.

### **OFS: a construção e o desenvolvimento do projeto formativo**

Os encontros formativos dos gestores eram agendados previamente, quando eram na escola ou quando eram coletivos e aconteciam na DDPM, isso ajudava a nos planejar para participar. Percebi que as formadoras da GOTP, buscavam nos orientar antecipadamente sobre os próximos passos do curso, e assim foi antes de começarmos o módulo metodológico, nos reunindo na DDPM, com elas, os formadores das escolas e com a coordenação pedagógica das OFS.

No 3º Encontro Coletivo de Gestores, na DDPM, tivemos a participação da coordenadora pedagógica das OFS. Ela nos explicou de forma bem didática, por meio de um fluxograma, o que aconteceria naquele momento e a importância de nós gestores compreendermos, pois seríamos responsáveis por coordenar esse momento com a equipe escolar, se decidíssemos continuar trabalhando com a pedagogia de projetos na escola após o término do curso, assim fomos orientados a observar como nossa formadora pesquisadora desenvolveria cada etapa conosco, cursistas.



Ainda nesse encontro, cuja temática era Ações Cotidianas do Diretor (a) e do Pedagogo (a) e a Construção Coletiva do Projeto Formativo Escolar, a metodologia utilizada fez com que identificássemos nossas atribuições, na organização pedagógica e administrativa da escola. Foi um momento lúdico, nos pediram para ler e separar as atribuições conforme o Regimento das Escolas Municipais de Manaus, de 2015, Artigos 97 e 110, em seguida estendemos em um varal. Um conteúdo que parecia ser chato, foi trabalhado como uma brincadeira, gerando muitas discussões, reflexões, aprendizagens e risadas.

Após as leituras, discussões e muitas reflexões entre nós e as situações explicitadas nas atribuições impressas, constatei o quanto somos essenciais como profissionais, que temos especificidades bem claras em nosso fazer, mas que em algumas de nossas atribuições os papéis podem ser confundidos, exigindo atenção, para não invadirmos o espaço um do outro. Outra reflexão importante foi quanto a importância da parceria, confiança e relacionamento respeitoso entre nós, fundamental para o bom clima organizacional e alcance dos objetivos de aprendizagem da instituição.

Tivemos acesso a estudos de casos, em que vivenciei situações para me colocar no lugar do professor, diretor e responsáveis, e assim sentir as pressões, os desafios e as possibilidades de fazer diferente, adquirir experiências e me prevenir para não tomar atitudes equivocadas em relação a situações que surgem da relação interpessoal entre professores e familiares/responsáveis. E ainda, me fazendo pensar que alternativas seriam viáveis para adotar com minha equipe de trabalho. Neste dia tive a dimensão de como a formação continuada estava proporcionando oportunidades de mudança, de fazer diferente, geradas a cada novo encontro.

Ao participar das conversas e troca de experiências, fui refletindo sobre os comportamentos da equipe docente da minha escola, a postura que eu e a gestora podemos ter para colocar em prática nossas ações, e entender quais entraves



dificultam essa relação. Certamente os docentes mais críticos, que reclamam de tudo, e têm uma boa prática em seu fazer pedagógico, são os que nos desafiam a melhorar, pois não são os elogios, os “tapinhas nas costas”, e sim as críticas construtivas, que me fazem refletir sobre minhas práticas, me impulsionando a mudar, a fazer diferente, inovar.

Acredito que um dos diferenciais nesse curso, foi a metodologia, a cada encontro éramos levados a produzir a escrita real das nossas aprendizagens no caderno de registros presenteado pelas formadoras no início do curso; a avaliação ocorria no processo, nossas opiniões eram compartilhadas, levadas em consideração, havia troca de experiências, as aprendizagens foram significativas e a empatia do grupo facilitava a interação, era sempre prazeroso participar.

Como pedagoga, e por ter participado da reunião com gestores e formadores, já havia compreendido a importância da matriz problematizadora e do projeto formativo e quando a formadora da escola iniciou esse processo na sala de aula, fez questionamentos em que todos colocaram suas reflexões sobre os desafios encontrados no cotidiano da escola, pois a partir dessa matriz construímos também, de forma coletiva e colaborativa, o projeto formativo da escola, tivemos que optar entre os fatores mais urgentes, que poderiam contribuir com nossa formação e com a melhoria da aprendizagem das crianças.

Foi uma escolha difícil, mas optamos pelas seguintes temáticas: Grafismo na Educação Infantil; Psicomotricidade; Jogos e brincadeiras; Lúdico e Inclusão, pois foram os temas que mais apareceram nas rodas de conversas. E como foi orientado pela equipe GOTP, eu e a gestora, registramos todo o processo que nossa formadora realizou na construção da matriz problematizadora e do projeto formativo.

As aulas do curso aconteciam por meio da relação teoria e prática, na qual facilitou minha compreensão sobre a pedagogia de projetos, e com isso fomos delineando e planejando com nossa formadora, a forma que queríamos que as



Oficinas de Formação acontecessem. Ao participar das Oficinas de Formação, como professora e acompanhando as aulas com meus pares, vivenciei momentos de estudo teórico, de trocas, diálogos e quando chegou a parte prática, foi gratificante ver minhas colegas brincando, se soltando e voltando a ser crianças.

Esses momentos formativos proporcionaram reflexões quanto ao número de crianças matriculadas que apresentam necessidades educacionais especiais. A escola se vê diante de um desafio enorme para poder dar conta das demandas, para apoiar os professores, pois sabemos que ninguém faz nada sozinho, precisamos da parceria, envolvimento de diferentes profissionais e esferas sociais para colaborar com nosso trabalho pedagógico.

As oficinas relacionadas à Educação Inclusiva, apontaram caminhos de boas práticas de inclusão. O caminho a ser percorrido envolve trabalho em parceria com a SEMED, com a família e a participação e interação de cada um dos estudantes com e sem deficiência por meio de atividades pedagógicas que reconheçam, valorizem a diversidade e permitam a participação de todos e todas.

Assim, entre reuniões, encontros coletivos com os gestores e roda de conversas para dialogar sobre as reais problemáticas da escola, aprendendo e adotando uma postura investigativa sobre a realidade escolar foram criadas coletivamente e colaborativamente a Matriz Problematizadora e o Projeto Formativo do CMEI Argentina Barros. Como pedagoga e professora, posso afirmar que o módulo metodológico trouxe aprendizados que impactaram a minha prática e enquanto pedagoga me deixou ansiosa para compreender qual seria minha participação na produção dos projetos de aprendizagens com os professores.

### **OFS: a construção e o desenvolvimento do plano de ação da gestão e organização do trabalho pedagógico**

Assim como ocorreu antes do início do módulo metodológico, a equipe GOTP também nos preparou antecipadamente para compreender o módulo experiencial, o



que aconteceria e qual seria a atribuição do gestor e do pedagogo, por meio da 2ª Reunião Coletiva de Gestores, Pedagogos e Formadores, uma reunião para o planejamento inicial deste módulo.

Após o início das atividades do módulo experiencial na escola, as formadoras realizaram conosco a atividade de Observação da Prática no CMEI Argentina Barros. Confesso que apesar de todo tempo que tenho como pedagoga na escola, acostumada a fazer reunião de pais e mestres, reuniões pedagógicas e em alguns momentos fazer participação em socialização de práticas na minha DDZ-Centro Sul, fiquei preocupada, nervosa, apreensiva em ser observada pelas nossas formadoras Rosana e Samara.

A atividade escolhida para a observação da prática, por mim e pela gestora Ana Paula, foi a Reunião de Pais, que tinha o objetivo de socializar informações sobre a Rotina Escolar da Educação Infantil e as Normas Internas da Escola. Foi algo expositivo e bem interativo com os pais, eles tiravam suas dúvidas, sobre a proposta pedagógica, as normas e outros assuntos de interesse deles.

A ideia de estar sendo observada, sendo avaliada pelas minhas formadoras, me levava a pensar sobre essa importante estratégia, esse novo olhar que futuramente ia gerar discussões sobre a minha prática. Em outro momento recebemos o feedback dessa atividade e com as contribuições das formadoras tivemos a certeza de que estamos no caminho certo e que o real objetivo da ação não era avaliar se estava certo ou errado, mas com base em nosso planejamento, que havíamos socializado com elas, observaram se o estávamos seguindo e se havíamos alcançando os objetivos que traçamos para a reunião.

Ser observada com o olhar crítico de minhas formadoras, foi importante, me fizeram analisar e refletir minha prática, tendo em vista meu crescimento profissional. Essa postura me modificou substancialmente, passei a ter mais segurança, a entender que precisamos ouvir mais as inquietações dos professores, que diante dos



problemas que surgem precisamos ouvir a equipe, compreender as situações conflitantes, nos organizar e, colaborativamente, encontrarmos caminhos em busca de soluções.

À luz da formação continuada, fomos tendo outras ações relevantes, especialmente em relação às Oficinas Programadas com a temática: A Organização do Trabalho Pedagógico Democrático e Inclusivo, na qual fomos à Escola Waldir Garcia, conhecer a concepção de gestão e a organização do trabalho pedagógico daquela equipe gestora. A experiência foi enriquecedora, pois a perspectiva de uma escola inclusiva, democrática e popular, abrange também um público de estudantes humildes, de famílias sem estrutura e migrantes que vêm de outros países em busca de melhores condições de vida. Nessa escola a equipe gestora é dinâmica, atuante, defende a concepção de avaliação formativa, de autoavaliação. A gestora que nos recebeu, explicitou que lá a avaliação não é aplicada como forma de cobrança, de pressão para obtenção de meras notas para aprovação para outra série, mas sim tendo como foco a evolução e o desenvolvimento das capacidades de cada estudante.

De acordo com o relato da equipe gestora da Escola Waldir Garcia, o Projeto Político Pedagógico adota em seu currículo a perspectiva da Educação Integral, que tem como princípios a equidade, inclusão, sustentabilidade e a contemporaneidade, em que o aluno deve ser tratado como sujeito da própria educação. Achei muito positiva essa forma de ver e garantir essa experiência aos estudantes, dessa maneira eles terão mais probabilidade de crescer com mais comprometimento com as diferenças e transformações da sociedade.

Outro encontro do qual tive o prazer de participar, foi da Roda de Conversa com Pedagogos, uma ação da equipe GOTP com a professora da disciplina de Estágio da UEA, realizada no Lepete, com o objetivo de falar para os acadêmicos do curso de Pedagogia, sobre a atuação do Pedagogo (a), nos diferentes níveis nas escolas municipais e o processo de formação continuada. O mediador era um acadêmico com



baixa visão; muito distinto, propiciou um clima agradável e interativo entre os participantes. Ter colaborado nesse momento de formação, juntamente com os colegas de profissão e com futuros colegas, foi significativo e repleto de aprendizagens e trocas de saberes.

Os futuros professores e pedagogos tiraram dúvidas sobre o fazer pedagógico no contexto escolar e outros já tinham vivência nas escolas, como assistentes à docência. Assim, pude partilhar minha prática profissional, saberes e reflexões sobre a Educação Infantil, exercida com dedicação e responsabilidade ao longo de minha carreira docente.

Essa travessia na formação foi permeada de expectativas, medos e superação, pois estávamos chegando a um ponto em que o planejamento das ações dos projetos de aprendizagem estava iniciando. Na minha função como pedagoga e ao mesmo tempo como professora, precisava estar atenta à minha equipe de trabalho, precisava dar suporte e viabilizar os meios para que os projetos viessem a se efetivar, como havíamos planejado na 2ª reunião coletiva de gestores, pedagogos e formadores.

No módulo experiencial, com o fim do curso se aproximando, as aprendizagens continuavam e desencadearam mais reflexões sobre minha forma de pensar, planejar e organizar as ações pedagógicas. Acompanhar e participar da Mostra dos Projetos de Aprendizagem e do Plano de Ação da Gestão e Organização do Trabalho Pedagógico foi algo mágico, memorável, as professoras se empenharam e as temáticas abordadas provocaram enriquecimento no aprendizado das crianças.

No dia da mostra, no momento da consolidação dos projetos de aprendizagem, foi incrível e me deu muita satisfação ver a escola em movimento, as ações sendo construídas, os professores buscando parcerias, as crianças alvorçadas com as novas experiências que o projeto ofereceu e ter as formadoras Marlene, Carla, Elisiane e os ADS dando o suporte que precisávamos.



Eu e a diretora produzimos um banner, orientado pela equipe GOTP, e apresentamos o plano de ação que trazia nossas principais contribuições durante a produção e execução dos projetos que estavam sendo colocados em prática. Como equipe gestora, de fato, conseguimos conhecer cada projeto, seus objetivos e o porquê de cada um, e por isso compreendi porque a minha visão anterior de projetos era fragmentada.

Na minha última aula da Disciplina Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, recebi todo suporte, tive acesso aos materiais, às avaliações que fiz ao longo da formação. Fiz uma volta ao tempo, foi um dia de muitas emoções, de demonstração de afeto, de agradecimento por termos a oportunidade de participar de uma formação tão necessária, inovadora e emancipatória. Decerto, penso que as nossas formadoras também passaram por transformações, que ao mesmo tempo que compartilharam saberes, elas refletiam sobre nossa realidade, construíam dados e faziam suas análises para efetivar seu fazer de formadoras pesquisadoras.

Essa fase da formação foi a mais complexa para mim, ter que produzir meu memorial, me desacomodar para uma escrita reflexiva de toda minha trajetória, foi necessário e importante, me senti desafiada e destreinada. Eu queria sugerir que a coordenação geral do curso levasse em conta nossas excessivas demandas, quanto ao tempo para escrever o TCC, em alguns momentos é angustiante. Mas escrever e refletir sobre meu percurso formativo me fez perceber a importância de minha profissão e do impacto que pode produzir e neste sentido Prado e Soligno (2022, p. 32) afirmam que:

(...) a escrita reflexiva favorece, há um aspecto político de igual ou maior relevância: a publicação dos textos produzidos pelos que fazem a educação deste país – narrando suas experiências, revelando suas ideias, refletindo sobre o que fazem – na verdade é uma conquista de toda a categoria profissional tal atividade.



Infelizmente, nós educadores em nossa Secretaria, mal temos tempo dedicado ao planejamento, mas concordo com os autores que a escrita reflexiva do professor é relevante e deve ser uma conquista valorizada. E com a orientação concisa e as contribuições de minha formadora, me senti encorajada a expressar, tecer comentários sobre meu percurso e a tornar-me autora do meu processo formativo, tão simbólico e cheio de significados para mim. A escrita do meu memorial formativo me fez amadurecer, crescer e ter orgulho da pessoa e profissional que sou.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Revisitar minha história, me traz sentimentos de saudade e gratidão a Deus por ter me permitido vivenciar e passar por várias fases e me manter disposta a continuar com o desejo de buscar conhecimento, de a cada dia me reinventar no meu trabalho. E a formação continuada veio evidenciar a concepção de que eu tenho que aprender ao longo de minha vida.

Participar da Especialização em Gestão de Projetos e Formação Docente, me proporcionou diferentes aprendizagens como pedagoga e professora e posso afirmar que essas aprendizagens já se desdobraram em um melhor apoio à minha equipe de professores e na qualidade da educação da minha turma do 2º período.

O curso foi relevante para o meu desempenho profissional, proporcionando melhor compreensão sobre as diretrizes que embasam o meu trabalho; a refletir quanto às atribuições da diretora e da pedagoga, entendendo a importância da parceria entre ambas, na gestão escolar; a reconhecer minha atribuição como coordenadora da formação continuada dentro do ambiente escolar, juntamente, com a diretora; a como ser uma pedagoga e professora pesquisadora de minha prática; a valorizar e a realizar estratégias para o trabalho coletivo e colaborativo, por meio da escuta e do diálogo com a comunidade escolar; a atuar de forma mais inclusiva e a colaborar com um espaço escolar mais democrático em suas ações.



Os conhecimentos teóricos e práticos proporcionados pelas disciplinas, dinâmicas, atividades e avaliações, mediadas pelas formadoras do curso, me fizeram acreditar e ter mais segurança na qualidade do trabalho que já desenvolvo, me empoderando a continuar melhorando minha atuação profissional, numa perspectiva de gestão escolar democrática, inclusiva e decolonial.

Assim, me sinto motivada a seguir investindo em minha formação continuada, atuando como professora e pedagoga pesquisadora, que prioriza as reais necessidades da escola, por meio da reflexão dos cotidianos vividos, de minhas práticas pedagógicas, experiências e saberes adquiridos no meu percurso formativo, processos e ações que me transformam e permitem transformar para melhor a qualidade da educação dos estudantes, nessa minha tessitura pessoal e profissional.

Esse formato de formação continuada, dialoga com o projeto pedagógico da escola, professores, gestores, estudantes e as famílias. Ele faz sentido porque provoca mudanças na prática dos profissionais da educação e na aprendizagem das crianças. Por conseguinte, os assistentes à docência, bem como os formadores, também passam por esse processo de ressignificação e aprendizado constante.

Agradeço e enfatizo o compromisso e a dedicação de todas as formadoras do projeto OFS que tive o privilégio de conhecer. Elas foram incansáveis na mobilização da nossa equipe de estudo, construindo cronogramas das aulas, criando canais de participação e organizando espaços e tempos para que pudéssemos ter os encontros formativos, cobrando prazos, acompanhando e indicando os rumos necessários para o processo de ação-reflexão-ação. Além do mais, me fizeram compreender que somos um mundo e vamos nos aprofundar quando nos permitirmos conhecer e intervir nesse espaço coletivo.



## REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB.** 9394/1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm) Acessado: 05 setembro de 2023.
- BRASIL. **Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica.** Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil. Brasília: MEC, SEB, 2010.
- MAGALHÃES, Samara. **O. Pedagogia salesiana de Dom Bosco e educação inclusiva: histórias de vida de ex-alunas da Casa Mamãe Margarida em Manaus/AM** (tese de Doutorado)
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: artes de fazer.** Petrópolis: Vozes, 1994.
- FARIA, Vitória B. **Currículo na educação infantil: diálogo com os demais elementos da Proposta Pedagógica.** 2ªed. São Paulo: Ática 2012.
- FREIRE, Madalena. **Educador: educa a dor.** São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- GARRIDO, Elsa. **Espaço de formação continuada para o professor-coordenador.** In: BRUNO, Eliane Bambini; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; CHRISTOV, Luiza Helena da Silva (orgs.). O coordenador pedagógico e a formação docente. 10 ed. São Paulo: Loyola, 2009.
- NÓVOA, A. **Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente.** Cadernos de Pesquisa [online]. 2017, v. 47, n. 166, pp. 1106-1133. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/198053144843>. Acesso: 27 de agosto. 2023.
- OLIVEIRA, Selma. **Educação e resistência: ações do CMEI Argentina Barros durante a pandemia.** In: WANZELER, Eglê. (org.) Revista Saberes e Práticas: Edgar Morin e Paulo Freire Caminhantes da Esperança. Manaus-AM 2ª Edição.
- PRADO Guilherme; SOLIGNO Rosaura. **Memorial de formação-quando as memórias narram a história da formação.** In: RAMOS, Alberto; SILVA, Eliseanne (Org.) Disciplina Metodologia da Pesquisa em Educação. Manaus: abril 2023. p. 48
- RODRIGUES, Ângela. **Análise de práticas e de necessidades de formação. Ciências da Educação: Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.** Lisboa: Ministério da Educação, 2006.